

Problemas começaram com a monocultura da cana

A região de Ribeirão Preto, com 21 destilarias produzindo 1,7 bilhão de litros de álcool e 27 milhões de sacas de açúcar — a mais importante área canavieira do País —, é o maior e mais atual exemplo dos problemas que a monocultura da cana-de-açúcar gera na zona rural. Eles ocorrem especialmente em épocas de entressafra (que se estende por todo o primeiro trimestre de cada ano), quando as usinas são forçadas a reduzir a mão-de-obra empregada, por absoluta falta de demanda, provocando protestos dos trabalhadores rurais, como se vem repetindo nos últimos anos na área, principalmente em Guariba.

E a transformação da região num verdadeiro "mar de cana" (as destilarias de Ribeirão Preto, entre elas a usina São Martinho, a maior da América Latina, produzem 20% do álcool brasileiro) é uma das conseqüências da política agrícola do País, que decidiu dar grandes incentivos à geração de energia alternativa (através do Proálcool), em detrimento das culturas de alimentos e da cafeicultura — essa região já foi uma das maiores produtoras brasileiras de café —, incontestáveis agregadoras de mão-de-obra no campo.

A cana-de-açúcar vem ocupando a paisagem rural da região de Ribeirão Preto (com 80 municípios e 1,8 milhão de habitantes) já há vários anos, mas a atividade sofreu enorme incremento a partir do início desta década, com o agravamento da crise do petróleo e expansão do Proálcool. Conforme levantamentos feitos pela divisão regional agrícola (Dira) de Ribeirão Preto, da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, a área ocupada com cana-de-açúcar para indústria dobrou em menos de dez anos. Em 75, a cana ocupava uma área de 224 mil hectares (produzindo 15 milhões de toneladas) e em 82 já ocupava 413 mil hectares (produzindo 32 milhões de toneladas).

Em conseqüência, outras culturas perderam espaço: em 1970, a região plantava uma área de 153 mil hectares com arroz (colhendo 3,3 milhões de sacas de 60 kg) e em 82 a área plantada era de apenas 70 mil hectares (com a colheita de 1,8 milhão de sacas). Praticamente ocorreu o mesmo com o café (em 81 a colheita foi de 1,8 milhão de sacas e em 82 foi de 702 mil sacas), amendoim e algodão, culturas que empregam grande volume de mão-de-obra.

Não se trata de dizer que a cana-de-açúcar não empregue um número razoável de trabalhadores. O problema é que a oferta de trabalho não é constante. A cana absorve grande quantidade de trabalhadores, cujo emprego concentra-se na safra, que vai de maio a dezembro. Nesse período do ano passado, por exemplo, as 21 agroindústrias canavieiras de Ribeirão Preto, somadas a seus fornecedores, empregaram 98.908 pessoas (a região tem uma população rural de 285 mil habitantes), das quais 17.807 na área industrial e o restante na área agrícola.

Segundo dados fornecidos pelas próprias usinas de açúcar e álcool da região, 17% desses trabalhadores (17.332 pessoas) foram demitidos na época da entressafra, iniciada no começo deste mês. Mas as usinas da região estimam que 15.253 dos 17.332 desempregados na entressafra não residem na área e que retornam a seus Estados de origem, sobretudo do Nordeste e Minas Gerais, onde 38% são pequenos proprietários rurais. Esses proprietários aproveitam a época de safra da cana-de-açúcar em Ribeirão Preto para aumentar a receita de suas deficitárias propriedades agrícolas, conforme dados divulgados pelos usineiros através da Imagem, uma empresa de assessoria. Isso significa, de acordo com os usineiros, que a região conta com somente 2.079 desempregados, que podem ser absorvidos nos 35 mil hectares cultivados pelas usinas com arroz, feijão, milho, soja, amendoim e sorgo.

Esses dados, contudo, são rebatidos por Roberto Horigutti, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo, Fetaesp. Para ele, a região possui 150 mil trabalhadores rurais dos quais 40 mil, ligados às usinas, estão desempregados e voltarão a encontrar trabalho constante a partir de maio, quando começa o corte das 40 milhões de toneladas de cana que são moldas pelas usinas, responsáveis por 35,8% das 112 milhões de toneladas produzidas em todo o Estado de São Paulo.

Germano de Oliveira — da AE-ABC.

(Página 26)